

## TRADUÇÃO

# A NECESSITÀ COMO UM CONCEITO CENTRAL NO PENSAMENTO POLÍTICO DE MAQUIAVEL<sup>1</sup>

**Marina Rute Pacheco<sup>2</sup>**

(Apresentação e revisão técnica)

**Sina Leimer<sup>3</sup>**

(Tradução)

**Resumo:** Kurt Kluxen (1911-2003) foi um historiador alemão da Universidade de Erlangen-Nuremberg, especializado em história medieval e moderna. Em 1949 defendeu sua tese sobre o conceito de necessidade em Maquiavel, o que deu origem ao artigo *Die necessità als Zentralbegriff im politischen Denken Machiavellis*, apresentado aqui em tradução comentada.

**Palavras-chave:** Nicollò Machiavelli; Kurt Kluxen; necessità.

**Abstract:** Kurt Kluxen (1911-2003) was a German historian at the University of Erlangen-Nuremberg, specializing in medieval and modern history. In 1949 he defended his thesis on the concept of necessity in Machiavelli, which gave rise to the article *Die necessità als Zentralbegriff im politischen Denken Machiavellis*, presented here in commented translation.

**Keywords:** Nicollò Machiavelli; Kurt Kluxen; necessità.

*Recebido em: 03/05/2020*

*Aceito em: 20/12/2020*

---

<sup>1</sup> Este ensaio forma o seminário introdutório para uma disciplina sobre Maquiavel, que foi ministrado em conjunto por professores e docentes da Universidade Nürnberg-Erlangen no semestre de inverno 1966-67. A fundamentação detalhada das teses apresentadas aqui encontra-se no meu livro. *Politik und menschliche Existenz bei Machiavelli*, Stuttgart 1967.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ), [marinarutepacheco@iesp.uerj.br](mailto:marinarutepacheco@iesp.uerj.br)

<sup>3</sup> Graduação em Ciência Política na Universidade Duisburg-Essen, Alemanha. Atualmente é mestranda em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia, [sina.leimer@gmail.com](mailto:sina.leimer@gmail.com)

## 1. Apresentação à tradução

Ao realizar uma pesquisa mais aprofundada acerca do pensamento de Maquiavel solta aos olhos a tamanha frequência em que se repete o termo *necessità*, e suas variantes, ao lado dos já conhecidos conceitos *virtù* e *fortuna*. Principalmente impulsionadas pela curiosidade de descobrir mais sobre esta noção em Maquiavel, deparamo-nos com este artigo, ora traduzido ao leitor de língua portuguesa.

Kurt Kluxen (1911-2003), um historiador alemão da Universidade de Erlangen-Nuremberg, especializado em história medieval e moderna, defendeu sua tese sobre o conceito de necessidade em Maquiavel, em 1949. Essa sua pesquisa, atrelada aos seminários ministrados na Universidade Nürnberg-Erlangen deu origem ao artigo *Die necessità als Zentralbegriff im politischen Denken Machiavellis*, publicado na revista *Zeitschrift für Religions-und Geistesgeschichte* (revista de religião e História Intelectual) apresentado aqui em tradução comentada. Contudo, Kluxen ficou mais conhecido como historiador sobre a Inglaterra do Iluminismo, principalmente com a publicação de *Geschichte Englands* (História da Inglaterra).<sup>4</sup>

Com a preocupação de tornar a tradução a mais fidedigna possível, optou-se por manter o padrão citacional de Kurt Kluxen, no qual as citações aos autores que aparecem ao longo do texto são escritas em caixa alta, acompanhadas pela referência completa, no idioma original, em nota de rodapé. Optou-se, ainda, por manter os termos citados em língua estrangeira, seja latim, italiano ou inglês, tal qual no original, assim como manteve-se os grifos, mas acompanhados, entre parêntese do trecho original em alemão, com o intuito de aproximar a tradução ao máximo da autenticidade do original. Como no artigo original não há notas explicativas, apenas indicando a referência às obras citadas, optou-se, quando conveniente, incluir notas das tradutoras (NT) com a finalidade de informar ou aprofundar elementos textuais.

---

<sup>4</sup> Informações retiradas do obituário do Professor Kurt Kluxen realizado pela faculdade de Filosofia da Universidade de Erlangen-Nuremberg a 10 de abril de 2003 (Mediendienst FAU-Aktuell Nr. 3135 vom 10.4.2003) (NT).

KLUXEN, Kurt. Die necessitã als Zentralbegriff im politischen Denken Machiavellis. **Zeitschrift für Religions-und Geistesgeschichte**, v. 20, n. 1, p. 14-27, 1968.

Na história europeia, um fenômeno de processo peculiar pode ser reconhecido em alguns de seus traços de desenvolvimento importantes: nenhuma posição de poder e nenhum movimento pode manter-se ou prevalecer-se a longo prazo, que não queira realizar tendências ideais (RANKE); mesmo lutas de poder de formatos maiores sempre se conectam com posições intelectuais. Sim, o novo é muitas vezes antecipado em pensamento; cada mudança mais profunda é baseada na orientação intelectual ou visa a ela, e se opõe ao antigo válido. O *continnum* nas mudanças é coberto ou negado por uma dialética intelectual. O pensamento corre à frente da realidade; em projetar e descartar o espírito vivo, o que precede a existência humana.

Os pensadores estão diante dos perpetradores, em declarações de guerra à realidade que o mundo moderno cria. Em qualquer caso, isso se aplica à história das ideias dos tempos modernos.

Colombo descobriu a América depois que o mundo já era visto de forma redonda, e o ato de contornar a terra foi teoricamente antecipado. A Europa conquistou o mundo depois de ter sido teoricamente presa e localizada em uma rede de coordenadas geográficas. O método de Bacon partiu de uma ciência que ainda teria que esperar três gerações para a sua conclusão em Newton. As revoluções foram, ou muitas vezes se tornaram, o acompanhamento de revoluções intelectuais; até o método das revoluções de 1789 foi a continuação real do método do pensamento da lei natural, que dividiu a sociedade em partes e, então, a reconstruiu.

O mundo moderno compreendia-se apenas na antecipação do pensamento de si mesmo, ou seja, uma categoria do futuro<sup>5</sup>, ao qual o espírito se articulava e estava incansavelmente se projetando e buscando significado. Isto não precisa ser uma peculiaridade da mente humana, mas é certamente a característica básica do círculo cultural Europeu-moderno, e por isso tem sido descrito como "fáustico" (SPENGLER) e experimenta-se como uma tensão entre o ideal e a realidade.

Isso inclui o fato de que muitas mudanças e convulsões não só foram pensadas primeiro na mente, mas também *in nuce*<sup>6</sup>, em um pequeno palco, antecipado ou pré-experimentado antes que as mudanças fossem encontradas em seu alcance abrangente. Assim, o sistema europeu de poderes dos séculos XVIII e XIX foi antecipado em um pequeno palco na Alta Itália do século XV, visto como uma imagem do equilíbrio entre poderes. A sociedade de massa industrial, também, fez parte do teatro na Paris revolucionária de 1793/94, em um drama que antecipou todo o desenvolvimento do século seguinte *in nuce*, muito antes da Revolução Industrial na Europa

---

<sup>5</sup> K.D. ERDMANN, Die Zukunft als Kategorie der Geschichte, HZ 198 (1964), 44-61.

<sup>6</sup> Em latim, em uma casca de noz, ou seja, algo que está em fase embrionária (NT).

Continental. Em pequena escala a gramática é experimentada e torna-se decisiva quando utilizada em grande escala.

Os esforços do pensamento moderno buscam a compreensão e penetração no mundo em que estão colocados, e não refletem ou interpretam o contexto simplesmente, mas anseia superá-lo. Os pensamentos eficazes vão além da realidade ou são modificados, generalizados e aumentados. Eles são expressões de um estado especial, como Locke, na Inglaterra, e em outro lugar são tomados como um desafio. O espírito integrado em seu contexto é sempre ao mesmo tempo regressivo e antecipado, integrando à frente e desintegrando para trás. Além disso, o espírito é transformador, reflexivo e provocativo, reinterpretando e abstraindo no crescente processo de comunicação da modernidade, é uma medida dinâmica que sempre luta também contra si mesma. O risco dos pensadores individuais integra-se como um desafio ou uma possibilidade intelectual no processo de comunicação vivo em uma sociedade, que se torna gradualmente mais educada e competitiva. Na dissolução de todas as formas de segurança social este processo de comunicação, ou mostra-se como uma relação funcional racionalizada e autorregulada, ou atribui-se às ideias contraditórias, antecipadas e planejadas.<sup>7</sup>

O enfrentamento racional do mundo libertador era uma tarefa que só poderia surgir em uma região e numa época que se via em dissolução, cujos elementos de ordem até então eram válidos, e haviam se tornado questionáveis. A resposta a tal estado de espírito era um modo de orientação da existência, que parecia às outras formas de organização como uma provocação, como um experimento híbrido, mas também como uma aventura da mente e da possibilidade humana. A análise de Maquiavel no seu tempo, antecipou um mundo que havia perdido seu centro, em suas conclusões coincidiram: a teoria com a prática, os métodos de abrangência mundial com o da autoafirmação. Maquiavel é o primeiro pensador político de alto nível famoso, que projetou um modelo de pensamento politicamente orientado a partir de coerções existenciais e ideológicas do seu tempo - o qual inclui elementos decisivos científicos-rationais sobre a natureza, a sociedade e a política moderna.

A mobilidade política e social do seu ambiente permitiu que submergisse a autoridade, os valores e as ligações societárias, as referências seguras como acima e abaixo, as formas sólidas, afundaram-se. A luta de todos contra todos, de natureza concorrencial irrestrita das forças econômicas, sociais e políticas, havia criado uma espécie de estado permanente de cerco, um estado de emergência sem garantia de lei, que teve que ser suportado e de alguma forma lidado como uma experiência básica da existência humana.<sup>8</sup> O vácuo do poder-político correspondia com uma desorientação intelectual-moral geral, em qual a elite letrada buscava por uma orientação educacional no mundo ideal exemplar da antiguidade. O abismo entre um estado da sociedade quase sem lei e um reino intelectual exigente - entre a preocupação elementar com a

---

<sup>7</sup> DANIEL MORNET, *Les origines intellectuelles de la Révolution française 1715-1787*, Paris 2 1954; ROLAND MOUSNIER et C. Labrousse: *Le XVIIIe siècle: révolution intellectuelle, technique et politique*, Paris 1952; JÜRGEN HABERMAS, *Strukturwandel der Öffentlichkeit*, Neuwied 1962; C. E. Labrousse. *Voies Nouvelles vers une histoire de la bourgeoisie occidentale*; X Congresso internazionale de science storiche IV, Firenze 1955, P. 365-96.

<sup>8</sup> RUDOLF VON ALNERTINI, *Das florentinische Staatsbewusstsein im Übergang von der Republik zum Prinzipat*, Bern 1955; Hans Baron, *The Crisis of the early Italian Renaissance*. 2 Bde., Princeton 1955.

existência e os meios de expressão e de pensamentos sofisticados (ambos deveriam estar relacionados a uma estrutura secular imanente de existência) - representava para Maquiavel, que vivia em ambos os mundos, uma chamada para um esforço intelectual. Maquiavel entendia o mundo, não como um problema de ser, mas como um problema de existência, no aqui e agora, em suas forças e formas de ação uns contra os outros, e não em seu significado irreconhecível. Suas experiências educacionais; suas tarefas diplomáticas e políticas de Estado; seu envolvimento direto nas turbulências do seu tempo; e sua visão aguçada para os interesses e forças em conflito, levou-o a uma análise inquisitorial da existência, da sociedade e da política, que em sua redução decisiva às relações políticas e sociais de poder, mas também, em seu propósito prático para a gestão e mudança de existência, Maquiavel antecipou formas modernas de entendimento e de projeção do mundo.<sup>9</sup>

O formalismo de seu pensamento, aparentemente, surgiu da rejeição da realidade ou da eficácia de conteúdos e ordens ideais e da primazia do presente existente. Em que medida a sua rejeição radical da história da salvação, da teologia e da metafísica tem sido uma limitação metodológica ou uma influência do averrórismo latino, continua em aberto. Afinal, NICOLETTO VERNIA (1420-99) tinha separado física e metafísica e foi o primeiro a representar a autonomia das ciências naturais, já PIETRO POMPONAZZI (1462-1525) iniciou com sua autonomização do conhecimento da natureza e a redução da penetração científica à experiência. A especulação naturalista averroística de Pádua reivindicou o direito de prosseguir no reino do natural, ou seja, no reino do ser conceitual, como era no sentido da pesquisa científica individual, de tal forma que a verdade de uma declaração só poderia ser determinada dentro da terminologia aplicada. Mas isso deu origem ao contorno de uma disposição de pensamento. A usabilidade e influência atmosférica dessa disposição a Maquiavel certamente pode ser levado em conta, mesmo que as preocupações do autor não fossem realmente especulativas, mas sempre práticas.<sup>10</sup> Seu método não só quer reconhecer, mas mudar. Centra-se, principalmente, no que muda e no que pode ser mudado, nomeadamente a sociedade e a política.

A abordagem particular de sua compreensão do mundo é mais conclusivamente esclarecida pelo seu conceito central de *necessità*, o que fornece uma introdução adequada à sua maneira particular de pensamento. O pensamento maquiaveliano está relutante em ter uma classificação fechada; em vez disso, ele gira em torno de alguns conceitos básicos que determinam o passo de seus pensamentos.<sup>11</sup> Três conceitos-chave predominam: *virtù*, *fortuna* e *necessità*, através das quais é óbvio pensar nos modos de realidade, possibilidade e necessidade, o que não seria falso, mas enganoso, já que com Maquiavel relaciona os valores, as ideias pictóricas e as referências alegóricas. Entre estes três conceitos, a *necessità* parece ser menos importante. Isso

---

<sup>9</sup> AUGUST BUCK, Machiavelli e la crisi dell'umanesimo. In: Rinascimento III,1\1952.p. 195-210. – FREDERICO CHABOD, Civiltà fiorentina. I Cinquecento, Firenze 1955.

<sup>10</sup> Para o esclarecimento do ainda incompleto mundo espiritual do Quattrocento. HANS BARON, FRANCESCO ERCOLE, La política di Machiavelli, Roma 1926; LEONARDO OLSCHKI, Bildung und Wissenschaft im Zeitalter der Renaissance, Leipzig 1922; LEONARDO OLSCHKI, Machiavelli, the Scientist. Berkeley 1945; Carlos CURZIO, Storia delle Italy. New York\London 1960. Um resumo da história do pensamento político de Machiavel encontra-se em GENNARO SASSO: Niccoló Machiavello, Geschichte seines politischen Denkens, Stuttgart 1965.

<sup>11</sup> FRIEDRICH MEINECKE, Die Idee der Staatsräson in der neueren Geschichte, München 1929, p. 46

não se deve apenas à abstração desse conceito, mas ainda mais ao fato de que ele é onipresente e não apenas representa a emergência aguda e a força externa das coisas, mas, também, sua determinação interior e, além disso, a natureza lógica do pensamento, o modo de experiência e o lado racional-legal de cada ser. Uma história idiomática não ajudaria muito com este termo, porque ele não permite uma determinação de conteúdo e seria, na melhor das hipóteses, uma compreensível gama de variações. Sua onipresença na visão de mundo de Maquiavel é mais decisiva ou mais significativa<sup>12</sup> e *necessità* recebe o peso da sua função estruturalmente determinante. É importante que o seja o conceito central de qualificação do pensamento maquiaveliano, isto é, menos um termo fixável do que um modo transcendental da sua argumentação em geral.

Note-se que Maquiavel leva sua expressão afiada, generalizante, provocativa e apodítica da linguagem vulgar, como ele se tem refletido em numerosos provérbios toscanos. Porém, o autor também deriva o termo *necessità* da linguagem fina da poesia contemporânea e filosófica, e especialmente da antiguidade<sup>13</sup>; encontra-o na ideia de um ciclo inevitável das coisas ou da ideia da necessidade eterna da visão de mundo do estóico, ou, finalmente, como um momento regular em contraposto à aleatoriedade. Ele poderia encontrá-lo em Tomás de Aquino ou no capítulo de Dante de *necessitate manarchiae*, e em Marsilius de Pádua etc. Quando pensadores medievais falam da *providentia Dei*, geralmente usam o termo *necessità*, uma vez que o que pode aparecer de cima como providência eterna teve que confrontar o homem na parte de baixo como uma necessidade eterna.

Da mesma forma como ele exagerou e generalizou o antigo *virtus* - por exemplo, no sentido da *recta ratio* de SENECA<sup>14</sup> - para a *virtù* como uma mera energia política-moral em antítese à "virtude", a *necessità* também foi dada a cada existência - não apenas como uma necessidade eterna como um todo, mas também como uma necessidade nas coisas individuais.

O crucial é que a *necessità* é o princípio de mudança em geral. Maquiavel vê a *necessità* não como uma saída de uma ordem normativa predeterminada, mas como um elemento direcional de um processo de movimento contingente, no qual não existem substâncias formais ou estruturas de ordem. A natureza não é um mundo de formas orientadas para fins fixos, mas em mudanças constantes, e apenas compreensível como uma relação funcional. Na medida em que essa se torna reconhecível, as necessidades são efetivas. A *necessità* torna a relação funcional reconhecível; em relações causais maiores, a natureza é lógica. O princípio da conformidade do reconhecimento com o reconhecido reside na natureza lógica do processo de movimento, ou seja, em sua legalidade.

Esse é também o seu limite. O movimentado do indivíduo é lógico e reconhecível. O indivíduo em si permanece impermeável. O movimento, por outro lado, é geral. As coisas em si são irreconhecíveis, mas não as mudanças de um ao outro. A necessidade é sem exceção, porque,

---

<sup>12</sup> Ibidem p. 36

<sup>13</sup> H. De VRIES, Essai sur la terminologie constitutionnelle chez Machiavelli. Amsterdam 1957; Hans BARON, Machiavelli: the Republican Citizen and the Author of the Prince, in HER, LXXVI, April 1961. - FRIEDRICH MEHMEL, Machiavelli und die Antike. In: Antike und Abendland III. 1948, p. 152-186. - FRIEDRICH CHAPELLI: Studi sul linguaggio del Machiavelli, Firenze 1952.

<sup>14</sup> SENECA, Ep. 66.32, Ep. 76.10

caso contrário, não haveria unidade no mundo. Isso significa, no entanto, que o pensamento, e não a percepção ou o olhar, é a fonte universal do conhecimento. Precisamente com a dissolução de formas entelégias e de finalidades predeterminadas, o real em seu contexto de necessidade é atribuído aos princípios do pensamento lógico. A *necessità* abre o acesso a uma visão heracília do mundo, sem a qual o contexto do pensamento maquiaveliano não seria legível.

Se assim o for, torna-se compreensível após um breve olhar ao que é a *necessità* em Maquiavel. A *necessidade externa* (äußere Notwendigkeit) não significa o estado de emergência atual - esse é sempre referido de forma diferente, ou seja, *estremità*, *calamità*, *miseria*, *bisogni urgenti* etc. A força externa aleatória é geralmente referida como *forza*. A *necessità* é tomada de forma mais geral e está sempre presente! *Per forza* significa violência nua; *per necessità*, também inclui a compreensão. Agir por *necessità* significa ação por compreensão ou ação *realpolitik*.<sup>15</sup> Os florentinos fazem guerra por *necessità*, e não porque são forçados, mas por conta da compreensão da necessidade.<sup>16</sup> Maquiavel descreve a história de toda a Itália a fim de explicar a história florentina e de esclarecer a *necessità*. As necessidades dão a origem ao contexto histórico das razões.<sup>17</sup> A *necessità* pode ser inibidora e ao mesmo tempo beneficiadora. Ela exige *forza* e até *prudenza*; ela resulta do diagnóstico e prognóstico<sup>18</sup>. *Necessità* como *forza* exige o "leão" no homem, mas como resultado da compreensão, ela exige a "raposa" nele.<sup>19</sup> Em vez de ser incorporado em uma norma permanente, cada situação é relativizada na *necessità* (necessidades) do aqui e agora, de modo que nenhuma receita ou nenhum ideal pode ser dado ao homem agindo, mas apenas pode ser aplicado a um tipo que enfrenta melhor cada situação.<sup>20</sup> ANTONIO GRAMSCI, o teórico do comunismo italiano, seguindo a linha de Maquiavel, não evoca um 'Príncipe', mas o 'partido político'.<sup>21</sup>

A interna dinâmica das coisas aparece para Maquiavel como uma *necessidade interna* (innere Notwendigkeit). Os indivíduos também obedecem aos impulsos internos. Se nenhuma necessidade externa os força, a sua eterna ambição os impulsiona. É por isso que as pessoas estão sempre em movimento para manter novos objetivos. Eles são impulsionados por dentro e inibidos do exterior.<sup>22</sup> O mundo mostra-se como um processo dinâmico que se restringe reciprocamente. Tudo tem efeito em tudo, tudo é contra tudo e é causado por tudo.<sup>23</sup> A partir do jogo de resistência cega das forças resulta uma *necessità* como o cálculo total do equilíbrio de forças, que

---

<sup>15</sup> Isso não requer nenhuma evidência, quais se deixariam encontrar fácil. No que diz respeito as citações, a edição de Panella foi usado. Niccolò Machiavelli, Opera a cura di Antonio Panella, 2 Bde., Milano-Roma 1938, Em geral as citações dadas podem ser reproduzidas a vontade. Todas as provas são fornecidas no meu livro já mencionado, sobre Machiavel.

<sup>16</sup> Ist.For.VII,1 (Panella I, p. 401).

<sup>17</sup> Desta forma Machiavel supera as formas dos anais (Annalenform) e incorpora a história de Florença em grandes contextos históricos. Pasquale Villari: Niccolò Machiavelli und seine Zeit, Leipzig|Rudolstadt 1877|83, Bd. III p. 387; - RICHARD FESTER: Machiavelli, Stuttgart 1900.p. 186.

<sup>18</sup> Istorie Florentine VII, 5; II, 8; II, 37, (Panella Bd. I. p. 409, 115 ff.,163), Principe 8 (Panella Bd. II,p. 37ff).

<sup>19</sup> Il Principe, 18.

<sup>20</sup> HANS FREYER, Machiavelli, Leipzig 1938, p. 149.

<sup>21</sup> ANTONIO GRAMSCI, Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo stato moderno, Torino 1955.

<sup>22</sup> Discorsi I, 37; I, 46; I, 53 (Panella II, p. 190, 209, 221, 224); DISCORSI III, 9 (Panella II, p. 387).

<sup>23</sup> ACHILLE NORSA, Il principio della forza nel pensiero politico di Niccolò Machiavelli, Milano 1939.

pode ser temporariamente estabilizado para um equilíbrio. A necessidade no elementar pode ser capturada por *prudenza* numa área racional, ou seja, uma necessidade que pode se opor ao outro, ao impulso interno, à lei externa, ou mesmo a ambição de um contra a do outro. A soma das forças e dos impulsos não é a soma, mas uma interação de subtração e adição, de inibição e aumento, mais e menos, que direciona, restringe e canaliza uns aos outros.

Além disso, há, naturalmente, uma necessidade *no processo natural geral* (allgemeiner Naturablauf) que não é mutável ou dominável. Uma vez que o mundo só é tomado como um sistema finito com dimensões finitas e possibilidades limitadas, o eterno processo nele é concebível apenas como um ciclo de ascensão e deterioração, de reeducação periódica, no qual o mundo em sua forma e processo permanece o mesmo.<sup>24</sup> A alteração não exclui a natureza constante da própria alteração. Formas consistentes do processo são a estrutura do todo, uma expressão de sua finitude. Aqui a parte individual encontra seu lugar causal legal, mas não uma interpretação teleológica. A determinação do local é possível, mas não a determinação do propósito. A infinidade do movimento mundial e a limitação das coisas tornam o ciclo possível e necessário como fórmula do pensamento. Esta necessidade é ao mesmo tempo deduzível e empiricamente apoiada; atesta a identidade da legalidade lógica-causal e real. A necessidade atesta a identidade de leis naturais e lógicas. As coisas individuais, que podem ser experimentadas, só obedecem a si mesmas, mas juntas elas produzem a determinação do todo. Todas as coisas juntas, ou seja, o mundo como ele é, causam ou produzem uma necessidade eterna semelhante a providência. Na limitação de um pelo outro, a lei do todo vem de baixo. Apenas a parte individual existe, mas a soma das coisas individuais produz cada um o seu lugar, para que o todo possa ser deduzido a partir da legalidade da parte individual.

A partir dessa noção, Maquiavel também determina o ser humano. Ele não é substância moral em si, mas através do seu lugar no mundo torna-se o que realmente é, que seja, ser temporal em um processo de mudança.<sup>25</sup> Torna-se ser humano pleno por *necessità*; só desenvolve-se por isso. *Necessità fa virtù*; *necessità* é o melhor professor e revela o que é. Mesmo os soldados tornam-se moralmente bons na guerra pela necessidade; em paz, eles se tornam bons por uma necessidade artificial (regulamentos). Dificuldades externas ou necessidade interna (ambição) implica em “acordar” o homem e aumentar seus poderes.<sup>26</sup> A energia, ou *virtù*, que se desenvolve a partir disso é a medida do valor apropriado. Uma ordem de paz duradoura não é apenas ilusória, mas faz o homem atrofiar. Por isso, o Império Romano caiu em ruínas. É melhor ter uma grande quantidade de Estados - em prol de um maior desenvolvimento energético; a tranquilidade é melhor que a luta, a liberdade é melhor do que a paz.<sup>27</sup> A Europa é melhor do que o Império Romano. Suas guerras são necessárias e, portanto, justas; suas armas são piedosas.<sup>28</sup> A necessidade justifica-os. A lei moral e o direito internacional podem ser eficazes, mas não aparecem no cálculo das necessidades ou aparecem meramente como fatores eficazes e

<sup>24</sup> Discorsi II (Panella Bd. II. P. 244); Istorie florentine V,1 (Panella Bd. I. P. 280)

<sup>25</sup> AUGUST BUCK: Die Krise des humanistischen Menschenbildes bei Machiavelli. In: Archiv für das Studium der neueren Sprachen, CL XXXIX, 1953, p. 304-317.

<sup>26</sup> Discorsi II, 12 III, 6; III, 12 (Panella Bd. II, p. 280,360,371,380) 394. Arte della guerra lib. IV, lib. II (Panella Bd. II, p. 588,527)

<sup>27</sup> Discorsi I,3; 38; III, 1; III,3; Principe 2 (Panella II, p.114,193,449;87). Arte della guerra lib. IV, lib. II (Panella Bd. II, p. 541)

<sup>28</sup> Discorsi III, 12 (Panella II, p.483)



manipuladores, mas não como variáveis independentes ou coisas individuais. As universalidades como tais não são causalidades.

Como resultado a necessidade está no *cálculo político* (politisches Kalkül). O processo de mudança constante não permite qualquer cálculo do ideal de uma existência definitivamente assegurada. O cálculo não se refere a um ótimo utópico, mas ao jogo real de forças e à autoafirmação humana e autopreservação neste jogo de poder. É teoria e prática ao mesmo tempo. Através da autocertificação o ser humano produz o seu próprio lugar. As razões do pensamento são sempre de natureza lógica, mas, ao mesmo tempo, são necessidades existências ou inevitabilidades físicas. Não há tempo para contemplação atemporal, mas o próprio tempo revela a verdade.<sup>29</sup> Não há uma 'inteligência social livremente flutuando' (MANNHEIM). "*Die Zeit treibt alles vor sich her* (O tempo está levando tudo à frente!)"<sup>30</sup>. Tomar decisões de forma oportuna é necessário. O que é certo hoje pode estar errado amanhã, e o que serve para a liberdade hoje pode levar ao caos amanhã. A pessoa que calcula está dentro do tempo. Não é suficiente o conhecimento da relação puramente hipotética entre situação e propósito, mas a determinação oportuna no aqui e agora.<sup>31</sup> Os poderes reais são como pontos focais e linhas de força em um sistema de coordenadas, onde cada ponto de força e cada linha é caracterizada e determinada por outro e cada ser humano está entrelaçado. A ação só é significativa neste ou naquele lugar e momento; e a execução também só é significativa quando direcionada para a presente autopreservação ou autoelevação. Novas medidas são sempre necessárias no fluxo e na deterioração das coisas. O homem está em estado de cerco, nenhuma especulação ou metafísica deve guiar suas ações, a ação apenas deve ser guiada pela realização de sua existência ameaçada no paralelogramo das forças em mudança. Esta necessidade não é apenas um pretexto, mas também uma justificativa para as suas ações.

Aqui, a técnica de autoafirmação não é apenas um princípio metódico senão uma convicção de conteúdo<sup>32</sup>; para Maquiavel, este método não é arbitrário, mas uma forma de realização humana da existência em tudo. Da existência resulta a tarefa ao ser humano de realizá-la, que se mostra como meio de existir. O cálculo existencial e político é a análise do aqui e agora, a determinação de exata diagonal entre linhas positivas e negativas de poder é um problema técnico de assegurar a existência.

O jogo mutuamente limitante da força e da contra-força, a determinação de um pelo outro, por sua negação, resulta em uma *ambiguidade do real* (Zwiespältigkeit des Wirklichen) do ponto de vista do homem, o que se tornou uma experiência básica em Maquiavel. Toda ação humana gera ou define necessidades (série causal); mas também escapa do homem. Há uma "heterogeneidade de propósitos". Se inicia guerras quando se quiser, mas não as acaba do jeito que quer. Todo sucesso levanta novos perigos; cada vitória divide os vencedores.<sup>33</sup> Cada louro murcha, afinal. Todo ponto positivo envolve uma negação. O poder ameaça a liberdade; a

<sup>29</sup> Discorsi I, 3, (Panella II, p. 114); DISCORSI III, 6: Arte dela guerra, lib. II (Panella II, p. 360,54)

<sup>30</sup> Discorsi III, 9, II Principe, II Principe 3 (Panella II, p.18)

<sup>31</sup> Istorie florentine III, 13 (Panella 1, p. 199)

<sup>32</sup> HANS FREYER, IDEM, p. 94

<sup>33</sup> Istorie florentine III, 7, VII, 25, III, 10, III 5 (Panella Bd. I, p. 185,439,190,182) proemio (Panella Bd. I, p. 48)

liberdade sem poder é ainda mais ameaçada; a liberdade interna enfraquece tanto externamente como internamente. O caminho para a liberdade nega esta própria liberdade.<sup>34</sup> A República só se torna possível pelo planejamento de um indivíduo, o que se contradiz; o ditador revoga a Constituição, a fim de protegê-la; o Príncipe é "o opressor da liberdade". O desenvolvimento do poder militar de Florença ameaçou a república da cidade livre, e a contra-segurança institucional paralisou precisamente esse poder, que foi criado para a proteção. Na experiência básica de Maquiavel os meios foram contraditórios ao seu próprio propósito. Na política, um ideal só pode ser realizado negando-o; a paz exige violência, a liberdade requer ditadura, a humanidade requer derramamento de sangue. O instinto de poder ilimitado constrói o Estado, é o seu componente mais importante e, ao mesmo tempo a sua negação.<sup>35</sup> Uma norma predeterminada da ação política não pode ser política, devido à natureza de tal política. O destrutivo e egoísta resulta do antagonismo neutralizante em relação à ordem. Através da imoralidade (violência) a moralidade é alcançada, a liberdade é assegurada por necessidade. O círculo desta calamidade será perfurado pelo ato, que não deve ter uma consciência, enquanto é político.

O resgate desse dilema é o *ESTADO* (Staat), o Estado como *necessità ordinata dalle leggi*.<sup>36</sup>

O Estado é a salvação do homem como uma racionalidade construída na realidade ou como uma realidade abstraída da razão; é a produção de um lugar circundante como condição da existência humana para além da natureza. Ele direciona as necessidades elementares dos instintos e coisas para uma necessidade legal planejada. Aqui, também, a violência é necessária no início. E, no entanto, o Estado é a necessidade projetada pelo homem para o homem, a salvação da arbitrariedade do momento e o espaço da autorrealização temporária. É a obra de arte viva que cria suas leis, sua arquitetura usando as necessidades externas e internas predeterminadas e estabelece seu equilíbrio precário como *ordo*<sup>37</sup>, mas sempre está exposto a necessidade geral inevitável do envelhecimento e da deterioração. Somente no Estado há uma existência razoável, mesmo que se permaneça em um estado natural entre outros Estados. É a salvação e o engrandecimento do homem, sua extensão à natureza. O Estado imita a natureza: *Natura nisi parendo vincitur*. O construtor (estadista) coloca os elementos como uma necessidade clara e previsivelmente deliberada. Justo os interesses opostos representam os componentes da construção. O homem é tomado como ele é, e seu egoísmo é precisamente a condição para a construção orientada para um efeito total. O Estado é um Estado de direito; para Maquiavel, ele é o autogoverno estatal racional completo, a causa *formalis* social ou a causa universal de integração. O Estado usa a mecânica da vida social para uma construção ou regulamentação, não com base em um contrato, mas com base em um planejamento violento do *uomo* virtuoso. É como uma máquina inventada, alimentada por uma energia dirigida, *virtù*, e mantida por um

<sup>34</sup> Mandragola IV, 1 (Panella I., p. 582), DISCORSI III, 28; I, 6; I,2 (Panella II, p. 430, 124) HERGARD RITTER. Die Dämonie der Macht, 1948, p. 37.

<sup>35</sup> Apesar da necessidade do mau, Machiavel mantém a avaliação ética, como no Príncipe 8 e 18 (Panella II, p. 35|36, 64) e provoca assim a impressão de uma "doutrina de deshumanidade ética" (Dilthey)

<sup>36</sup> As famosas palavras em Discorsi I, 1 (Panella II, p. 105-107) onde a "ordinazione delle leggi" a "necessità di esercizio" e a "necessità ordinata dalle leggi" aparece como a salvação contra a "corruzione"

<sup>37</sup> Ordem em latim (NT).

equilíbrio de forças que se defendem e se apoiam<sup>38</sup>, em que o homem não pode mais ser tomado como um ser natural, mas onde, em termos modernos, a natureza é objetivada e se tornou um objeto próprio do homem. O Estado é a libertação do homem da contingência. O Estado permanece vivo através da constante renovação para a natureza, o *ritornar al principio*, mantendo as causas de sua criação, nomeadamente, medo e respeito, em todos os momentos. Essa habitação peculiar, constituída por leis de vidas emprestadas, e vivendo da sua própria razão (Vernunft), tem um propósito egocêntrico, autoreferencial, desumano e permanece fora da sua própria ordem. O elemento de sua negação está inserido nele mesmo. O estado de emergência esconde-se atrás dele.

Assim como o nominalismo tardio teologicamente perdeu de vista a providência e sacrificou o contexto funcional das coisas individuais, agora, o Deus insondável, em sua arbitrariedade, apenas pôde ser feito compreensível e reconhecível pela razão através de um *Covenant*<sup>39</sup>. A comunidade unida na Aliança de Deus é destacada, como a teologia do *Covenant* do século XVI. Na visão de mundo de Maquiavel, imanente e nominalista, o Estado cria seu *ordo* no mundo elevado, mas não como uma finalização das coisas, senão como uma casa protetora. A necessità restringe e se expande ao mesmo tempo; torna possível a dominação da existência.

O cálculo político além do momento é dirigido ao Estado. O Estado é um cálculo político para manipular as pessoas na sociedade. O Estado impede a luta que o pressupõe; ele é dirigido contra o homem por causa do homem. O Estado aparece a Maquiavel como uma salvação do caos, como uma salvação do homem de si mesmo, como a razão criada que tornou-se poder, a obra mais sublime do grande indivíduo, que não precisa ser mais justificada.

Mais importante do que a concepção de Maquiavel do Estado e da incorporação do Estado, baseados na sua época, continua a ser a maneira metódica de seu pensamento. A explosão do pensamento teleológico e sua substituição por um pensamento legislativo funcional o levou a uma redução da realidade para força e contra-força e a uma concepção de política como cálculo técnico. Disso surgiu um novo pensamento do Estado como uma possível forma de direção de vontade individual de grupos, como uma precaução institucional para manipular as pessoas em um mundo definido e prescrito. A ciência em ascensão se reduziu à matemática da natureza e não procurou penetrar o mundo, mas tentou calcular seus poderes maiores, e se concluiu em uma mecânica celestial universal. Maquiavel fez o mesmo para a comunidade humana cuja conclusão é um mecanismo constitucional ideal.

Ele não deu nenhuma explicação metafísica; ele não gerenciou uma posse de verdade estável, mas apenas deu uma maneira de pensar, um método, para pensar e imitar o mundo. Certamente, a identidade estrutural desta compreensão maquiaveliana do mundo com o nível organizacional político-social a época de Maquiavel foi inovadora para tal forma de percepção. Não era uma forma básica de compreensão, mas contentou-se com reduções metódicas para o

---

<sup>38</sup> VITTORIO de CAPRARUS. Il pensiero dell'equilibrio nel pensiero del Machiavelli. In: Atti dell'Accademia Pontiniana, 1949, p. 151-157; PAUL REIWALD, introdução para: James Burnham, Die Machiavellisten, Verteidiger der Freiheit. Zürich 1948, p.11

<sup>39</sup> Pacto ou acordo em inglês (NT).

político, e seu centro é o homem agindo.<sup>40</sup> A dissolução do mundo em movimentos gerais e a necessidade atuando-lhe dá ao homem sua soberania na produção de seu próprio mundo.

O método pelo qual Maquiavel desenvolve a sua visão de mundo e do ser humano do seu tempo é muito mais relevante do que a visão em si mesma. Ele articula, a partir da tendência de seu cálculo abstrato, uma lei de preservação do *quantum* da energia político-moral, que só muda sua distribuição, de modo que a forma política se reduza a uma mudança na distribuição de peso das já existentes moléculas sociais – uma precursora da lei de conservação da energia. A antropologia político-social de Maquiavel, abstraída das relações de poder, também mostra a abordagem de uma teoria da legalidade e manipulação da sociedade humana. Isso foi novo e revolucionário! Da relação estrutural com o pensamento científico-legal resultaram elementos de uma visão de mundo moderna, relacionadas ao mundo político-social.

À sombra de Maquiavel e no afluxo dos conhecimentos científicos e outros impulsos, os mecânicos sociais e experimentadores, engenheiros constitucionais, estatísticos econômicos e construtores legislativos do século XVII, prepararam esta Ciência Política moderna, mas não foram capazes de oferecer um sentido de existência. Enquanto que reconhecem, na vida como ela é, as possibilidades de gestão racional da existência e a formação da vida como um problema técnico-pragmático da existência humana. Maquiavel é o fundador de um pensamento racional-técnico da política e do Estado; em certo sentido, é o Galileu da Ciência Política, a qual encontrará os próximos grandes pensadores, Bacon e Hobbes.

Seu amigo Guicciardini foi dotado com um olhar político mais fresco; na verdade, seu método levou Maquiavel a generalizações inválidas e muitas vezes vagas. Mas deu-lhe um olhar de águia, um olhar afiado para a realidade política e social do seu entorno. Não foi Guicciardini, mas Maquiavel que fez história. Nessa ineficácia prática e eficácia teórica, é comparável a Karl MARX, cuja ótica precedeu o tempo de forma semelhante e que, após estudos passionais, de seu corpo atormentado, teve a ideia de que o homem precisa primeiro comer e beber, para então existir, viver e pensar. De igual maneira, Maquiavel coloca a existência humana elementar em sua teoria, na qual, como resultado, entrelaçam-se a teoria, a prática, o método de compreensão e apreensão e o método de reconhecer e dominar.<sup>41</sup> Ao fazê-lo, ele antecipa uma figura de pensamento do mundo moderno, tecnicamente compreendido, a partir do qual emerge de forma impressionante seu significado histórico como um pioneiro na modernidade ou pelo menos como uma indicação de um comportamento mudado para o mundo.

---

<sup>40</sup> JUDITH JANOSCHA BEND, Machiavelli. Politik ohne Ideologie. In: Archiv für Kulturgeschichte, XL, 1958, p. 315.

<sup>41</sup> Assim se pôde revelar o caminho para a superação da controvérsia continua de Machiavel entre uma visão histórica ou sistemática. GENNARO SASSO, BENEDETTO CROCE, Una questione che forse non si chiudera mai: la questione del Machiavelli. In Quaderni di critica, V, No. 14, 1148, p.1-9; Herbert Butterfield, professor Chabod and the Machiavelli Controversies. In: Historical Journal II, 1959, p. 78;83. ERIC W. COCHRANE, Machiavelli 1940-1060. In Journal of modern History, XXXIII, 1961, p. 113-136. WOLFGANG PREISER, Das Machiavellbild der Gegenwart. In: Zeitschrift für die gesamte Staatswissenschaft, 108, 1952, p. 1-38. PIETRO CONTE, L'errore logico del Machiavelli e i fondamenti metafisici della politica. ROMA 1955.